

ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA

**ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES
NAS ASTÚRIAS NOS INÍCIOS DO SÉCULO XX**

por

JOÃO LUÍS CARDOSO

SEPARATA DE

**ASTÚRIAS E PORTUGAL
RELAÇÕES HISTÓRICAS E CULTURAIS**

Actas do Colóquio
5 a 7 de Dezembro de 2005



LISBOA



MMVI



Durante o levantamento da documentação de interesse arqueológico efectuada em colaboração com Ana Ávila de Melo no Arquivo Histórico do extinto Instituto Geológico e Mineiro, no âmbito de outro trabalho (Cardoso & Melo, 2001), depararam-se-nos dois maços com a indicação de “Correspondência de Joaquim Fontes”. Estes dois maços integram cartas, postais e ofícios recebidos por Joaquim Fontes e dois rascunhos de cartas por ele expedidas, num período que medeia entre 1910 e o final da década de vinte do século passado.

O interesse para a História da Arqueologia Peninsular que revestia a documentação encontrada foi de imediato reconhecido. O espólio abrange um período da nossa História recente sobre o qual a historiografia arqueológica nacional pouco se debruçou: a I República e o início do Estado Novo. Por outro lado, o conjunto documental é quase exclusivamente de natureza científica, correspondendo a cartas e postais trocados entre Joaquim Fontes e arqueólogos portugueses e espanhóis de renome, bem conhecidos de todos quantos entre nós se dedicam à Arqueologia e à Arqueologia, como é o caso, entre outros, de J. Leite de Vasconcellos, Luís Chaves, Vergílio Correia, Eugénio Jalhay, E. Hernández-Pacheco, Juan Cabré, P. Bosch Gimpera, H. Obermaier ou o Conde de la Vega del Sella.

A publicação deste precioso epistolário, obtida a autorização da Direcção do ex-Instituto Geológico e Mineiro, na pessoa do Prof. Doutor Miguel Magalhães Ramalho, a quem desde já se agradece o interesse com que acompanhou o decorrer do

trabalho, encontra-se em preparação. Atendendo, porém, ao interesse de dar a conhecer, desde já, a parte daquela documentação relacionada com as Astúrias, decidiu-se o signatário à preparação deste contributo, no qual se revelam elementos até ao presente inéditos, de evidente interesse para a historiografia da arqueologia peninsular, seleccionando-se para o efeito a parte da documentação relacionada directa ou indirectamente com a região asturiana. Cumpre agradecer a Ana Ávila de Melo, co-autora com o signatário do trabalho em preparação acima aludido, a compreensão, prontamente expressa, nesta divulgação antecipada de um trabalho comum.

2 – A DOCUMENTAÇÃO

Na correspondência de Joaquim Fontes, são quatro os arqueólogos cujas referências à região asturiana detêm maior interesse: trata-se dos espanhóis Francisco Hernández-Pacheco, do Conde de la Vega del Sella e Juan Cabré e do português Eugénio Jalhay. Tal realidade espelha a própria composição global do epistolário do arqueólogo português: com efeito, num total de cento e vinte e seis espécies estudadas, apenas quarenta e uma são de portugueses. Esta situação, a todos os títulos invulgar, mas perfeitamente compreensível no que concerne à parte agora estudada e publicada, porque relativa a uma região específica do país vizinho, levantou algumas dificuldades acrescidas, nomeadamente quanto à metodologia e às normas de transcrição a adoptar. Optou-se por uniformizar a transcrição das espécies portuguesas e espanholas seguindo os critérios para transcrição de correspondência de natureza científica, apresentada em artigo recente (Cardoso & Melo, 2001).

Assim, os documentos são transcritos tal qual foram escritos, pelo que eventuais simplificações, elisões ou erros ortográficos face às normas actualmente vigentes, tanto nas missivas em língua portuguesa, como nas redigidas em castelhano, não serão corrigidos; porém, em alguns casos susceptíveis de causar dúvidas, é acrescentado (*sic*); as sílabas ou pala-

vas ilegíveis são apresentadas do seguinte modo: (...); são transcritas todas as assinaturas legíveis; são utilizadas as abreviaturas s. l. e/ou s. d. sempre que as cartas e ofícios não tragam menção de local e/ ou data; as dúvidas de transcrição vêm assinaladas com (?); e as frases e palavras legíveis, mas riscadas pelo próprio autor da carta vêm entre () .

Na transcrição mantiveram-se todos as elisões e ligações entre palavras; tal parece-nos preferível, especialmente no que se refere à correspondência estrangeira, até para se aquilatar da forma utilizada por cada correspondente.

Outra questão importa também esclarecer: trata-se do desenvolvimento das abreviaturas. Ao contrário do procedimento generalizado da transcrição do desenvolvimento de abreviaturas em documentos anteriores ao século XIX, não se utilizou agora tal critério, por aquelas serem ainda familiares, isto no que se refere às espécies em língua portuguesa. No caso de cartas e postais em língua castelhana, a prudência desaconselhou, por desconhecimento das fórmulas então usuais, também tal procedimento.

Por outro lado, destinando-se este epistolário a um público especializado – em particular os arqueólogos peninsulares e outros investigadores da cultura, da história e da historiografia arqueológica asturiana e portuguesa – não se afigurou necessário apresentar comentários complementares, de índole bio-bibliográfica, sobre cada um dos autores de missivas que ora se publicam: além de todos serem arqueólogos peninsulares de primeira grandeza, a apresentação deste tipo de informação, no presente contributo, iria aumentar significativamente a sua extensão, tornando-a incomportável face às limitações de paginação existentes.

As anotações e esclarecimentos considerados pertinentes a nomes e assuntos mencionados na documentação, são apresentados em notas de rodapé, de modo a tornar a sua confrontação com o espécime transcrito mais fácil e imediata. Dá-se, deste modo, seguimento ao projecto de publicação da correspondência epistolar de arqueólogos célebres, entretanto prosseguida pelo signatário (Cardoso, 2004).

2.1 - Correspondência com E. Hernandez-Pacheco

2.1.1 - Carta dactilografada. Papel timbrado

MUSEO DE CIENCIAS NATURALES
DIRECCIÓN
MADRID (HIPÓDROMO)

19 de Enero 1916

Muy Sr. mio y querido compañero:

Dispensa V. mi tardanza en contestar á sus dos cartas, las que he encontrado á mi regreso á Madrid despues de una ausencia que asuntos de familia han retrasado mucho mas de lo que creía.

Su carta me anima mucho á esperar que llegue un acuerdo entre portugueses y españoles respecto á la organización de estudios algo intensivos de prehistoria ibérica. Por lo que han dado de si los descubrimientos de los últimos años se ve que España es un verdadero Museo de Arte prehistórico, pues además de lo publicado por el abate Breuil en Francia y por nosotros desde 1913, tenemos en preparación una grande cantidad de materiales. Ya sabe V. que las cavernas del Norte de España con industrias paleolíticas son tan numerosas que la región es aún mas abundante que la Dordoña. Así es que hay campo para que los prehistoriadores de Portugal hagan en España trabajos en abundancia. Alguno de los elementos jóvenes de que V. me habla, á quienes les gusta el estudio del paleolítico, podría si quiere venir á auxiliar en las excavaciones que aún he de hacer este verano en la interesante caverna con pinturas y grabados magdalenienses de La Peña, en Asturias, cuya monografía preparo. Pudiendoles ofrecer durante su trabajo una gratificación semejante á la de los jóvenes españoles que han realizado trabajos análogos.

Seguramente en Portugal se continuan las estaciones pictóricas como en Extremadura y tenemos el proyecto de explorar por

ejemplo la Sierra de San Mamede, que podríamos hacer en colaboración portugueses y españoles ¹.

Mucho puede hacerse con la cooperación de prehistoriadores de ambos países. Como no es fácil llegar por carta á un acuerdo lo mejor será hablar y á este efecto es muy posible que les hagamos una visita pronto, bien con motivo de la misión española que se está organizando en la cual podría ir, ó independientemente.

Lo que se acuerde de prehistoria y sobre todo las reuniones científicas, una vez en un país y otra en otro donde nos conozcamos y tratemos mas íntimamente los geólogos de las dos naciones y en general los naturalistas y especialistas en las demás ciencias, redundará seguramente, en beneficio de ambos países.

Tuve el placer de que fues V. nombrado Corresponsal de la Soc. Esp. de Historia Natural, su antigua conocida de los tiempos de Macpherson y Calderón mis maestros. Conviene que nos envíe sus títulos para insertarlos en la lista de socios, pues yo he puesto lo que sabía unicamente (la Comisión del Servicio geológico y Academia de Ciencias) ².

¹ Na serra de S. Mamede, no Alto Alentejo (distrito de Portalegre) são actualmente conhecidos diversos abrigos existentes em cristas quartzíticas do Ordovícico com pinturas esquemáticas pós-paleolíticas. Na época, ainda não tinha sido publicada qualquer estação de arte rupestre desta região, mas eram já conhecidas as publicadas no ano seguinte por Henri Breuil do abrigo de Valdejunco, Esperança (Arronches) (Breuil, 1917). Como este autor declara (Breuil, 1933b, p. 163), as referidas representações artísticas foram dadas a conhecer, ainda que de forma sumária por E. Hernandez-Pachaco, em 1916, ainda no decurso do ano a que pertence a presente missiva.

² Joaquim Fontes não pertencia à Academia das Ciências de Lisboa e a alusão à Comissão dos Serviços Geológicos (instituição que, à época, era assim designada, encontrando-se sediada na Rua da Academia das Ciências, o que poderá ter originado a aludida confusão), deve-se ao facto de o jovem arqueólogo ser seu frequentador assíduo, mas apenas na qualidade de colaborador.

Sin otra queda de V. suyo aff. amigo y compañero que le desea
feliz año nuevo

Eduardo HPacheco
(assinatura legível)

2.1.2 – Carta. Papel timbrado

MUSEO NACIONAL DE CIENCIAS NATURALES
LABORATORIO DE GEOLOGÍA
MADRID — HIPÓDROMO

— O —

8 Abril

21-Marzo 1916

Mi distinguido colega y amigo:

El Sr. Cabré me entrega una carta de V. en la que pide datas
para hacer una nota respecto a nuestra comisión.

Como he sido el organizador de ella a la vez que del reciente
movimiento respecto a Geología en el Museo puedo darle al-
gunos detalles.

En España se constituyó hace unos cinco o seis años la Junta
para ampliación de estudios e Investigaciones científicas la
cual despues de muy convatida al principio por elementos po-
líticos de la derecha se afiancó en el país y tiene asignada en
los presupuestos del Estado una cantidad bastante elevada, y
obra con completa autonomia. Al frente de ella están personas
de mucho prestigio en la ciencia española, algunos políticos,
pero de todas las tendencias y partidos. El presidente es el Dr.
Cajal, eminente Histologo y el secretario el aluno de ello, es el
profesor Castillejo de la Universidad, hombre que conoce muy
bien los problemas pedagójicos de la enseñanza superior y que
ha estudiado mucho esto en el extranjero (por cierto como va-
rias personas de la Junta amigo de vostro Presidente de la Re-
publica Dr. Bernardino Machado). Una vez afianzada la Junta
subvencionó con cierta cantidad al Museo Nacional de Cien-
cias Naturales para la investigación científica y publicación de

trabajos. El Profesor Bolivar (miembro de la Junta) se encargó de organizar lo conveniente a Biología y a mí me comisionaron para que organizase lo relativo a Geología. En el Museo desde entonces se dan enseñanzas completamente libres de divulgación y se realizan investigaciones de lo cual son muestra las publicaciones de la serie Geológica (por lo que respecta a esta Ciencia). El primer trabajo se publicó a fines de 1912 (Itinerario geológico de Toledo a Urda) y el último del Profesor Obermaier El Glaciarismo cuaternario de la Sierra de Greda, acaba de publicarse. Trabaja con nosotros el Profesor Fernandez Navarro de la Universidad de Madrid y los demás son en su mayoría jóvenes doctores que después se reparten por los centros de enseñanza, quedando unidos al laboratorio y al Museo por lazos de comunidad en el trabajo.

La Junta destina una cantidad anual que se reparte en gratificaciones al personal fijo (en proporción modesta pues la mayoría tiene sus puestos en otras partes), pagos de gastos de viajes en excursiones, excavaciones paleontológicas ó prehistóricas... material científico, etc. Además suvenciona todos los años con cierta cantidad para la adquisición de libros y revistas y edita además todos los trabajos y memorias que se publican.

Como al organizarse esos trabajos de Geología estaba en España el Profesor Breuil con otras personas del Instituto de paleontología humana de Paris, estudiando las cavernas de la región cantábrica (vease mi discurso de Valladolid pag. 11 a 44) y su proceder no era muy correcto para con los españoles pues aunque hacian figurar en los cubiertos de los trabajos nombres de los españoles que descubrieron las cavernas, como colaboradores, pero sin permitirles la menor intervención en la redacción de la memoria creí que debíamos organizar en España el estudio intensivo de la prehistoria patria. Para esto me avisté con el Marqués de Cerralbo, persona de gran fortuna, que destinaba todos los años grandes cantidades a excavaciones arqueológicas y prehistóricas, objetos que regalaba a los Museos nacionales, y en el Sr. Cabré / ^{que era} a modo de su secretario y dibujante en las cosas de índole arqueológica, / ^{el qual}

dada la amistad que el marqués tenía con el abate (Brii) Breuil, le acompañaba /^a este en sus correrías por toda España auxiliándose como dibujante y fotógrafo y por lo tanto con una preparación grande en la copia de las pinturas rupestres pues había realizado ya varias campañas con Mr. Breuil y conocía bien todas estas cuestiones. Además ya estaba en relación con el Conde de la Vega del Sella, que en Asturias (después de una preparación previa que hizo en el extranjero) se dedicaba a excavaciones de índole prehistóricas en el Norte de España ³.

Con estos elementos iniciales se constituyó la Comisión de Investigaciones paleontológicas y prehistóricas ⁴, que tiene su domicilio en el Museo de Madrid, y depende de la Junta para ampliación de Estudios. El Marqués de Cerralbo aceptó el cargo de Director, cargo en cierto modo honorífico pues sus muchas ocupaciones políticas y su edad no le permiten dedicar toda su actividad a estas cuestiones, pero es un mecenas, en cierto modo, pues ha excavado en grande alguna ciudad ibérica, varias necrópolis ibéricas ó prerromanas, y el yacimiento chelense de Torralba con gran cantidad de elefantes fósiles que tachou chelenses y tiene varias personas encargadas de realizar estos trabajos a su expensas en la provincia de Soria y parte de Guadalajara que es la región que le interesa.

Esta nueva corporación surgió por una sencilla orden del Gobierno (por pura formula) y depende en absoluto de la Junta para Ampliación de estudios. No tenemos reglamento, pues creemos que estas cosas mas bien atan que favorecen el desar-

³ Na verdade, H. Breuil publicou diversas memórias notáveis, sob a égide do Institut de Paléontologie Humaine (Paris), dedicadas a várias cavernas com arte paleolítica da região asturiana. A partir de 1913 a colaboração com J. Cabré foi suspensa, por indicação directa do Príncipe Alberto 1º do Mónaco, que subvencionava as investigações (Breuil, 1933, p. 2, nota 1).

⁴ O funcionamento desta Comissão, de carácter quase informal, como se pode deprender deste interessante depoimento, e que foi notável a partir de meados da década de 1910, foi desarticulado com a Guerra Civil, dando-a os seus membros como extinta por essa altura (Hernández-Pacheco, 1959, p. 746, 747).

rollo de estas cuestiones y vivimos con una subvención de la Junta para Ampliación de Estudios, en forma que podemos hacer transferencias de las cantidades destinadas a los estudios de Geología a las destinadas a los de Prehistoria y vice-versa.

Actualmente, con ocasión de la guerra trabaja con nosotros el profesor Obermaier, persona, aparte de su gran competencia, muy amable y de excelentes condiciones personales; no sé después de la guerra si volverá a su puesto del Instituto ^{de Paleontología} humana de Paris, a su país, ó quedará entre nosotros de un modo semejante a como el profesor Choffat está entre vosotros.

El sistema que tiene la Junta es confiar en una persona la cual lleva la responsabilidad de la marcha del centro ó Comisión, designa las personas que han de trabajar, les fija la gratificación por trabajos de campo (...) y acuerda las Memorias que han de publicarse; claro es que entre nosotros esto se hace siempre de acuerdo con los demás pues todos laboramos por un mismo fin. Esto me permitirá ofreceros una colaboración para este verano en la cueva de la Peña / (San Roman de Candamo) en Asturias, donde he de hacer una excavación que supongo dure unos 15 días⁵ y otros 4 ó 5 en Rivadesella (Asturias, también). La cueva de San Roman contiene pinturas paleolíticas y nos conviene estudiar su yacimiento; si nos haceis el honor de aceptar nos servirá el habernos ayudado para vuestras futuras campañas en Portugal ó en España donde hay mucho que hacer. La subvención sería modesta (pues nuestra norma es hacer las cosas con la mayor economía, defendiendo los intereses del Estado) tendriéis (como los demás) 8 pesetas diarias y viaje de ida y vuelta desde Madrid en 2ª clase. San tan iguales los problemas prehistóricos de Portugal y España que conviene⁶. Os

⁵ A esta importante gruta com arte paleolítica dedicou E. Hernández-Pacheco importante estudo monográfico, a 21ª. Memória da Comissão de Investigações Paleontológicas y Prehistóricas, publicada em Madrid em 1919. Ver referência às explorações na missiva anterior (Documento 2.1.1).

⁶ Tem interesse verificar o empenho com que E. Hernández-Pacheco dispensava à cooperação luso-espanhola em matéria de investigações pré-históricas, o qual era correspondido – embora apenas no plano das inten-

ruego no habléis de esto con el Sr. Cabré ni persona de esa (salvo el Sr Choffat) hasta que podamos ultimar estas cosas, durante la visita que quiero hacervos.

El retraso en enviarvos esta carta era porque no sabia si podría ir a Portugal, por fin esto se ha resuelto. Una comisión de unas 15 ó 20 personas todo lo más. Pero los de mayor relieve y significación científica en España irá (salvo cosa imprevista) desde el 20 de Mayo al 30, epoca a proposito para los profesores y organizaremos ahí algo de intercambio científico (puramente científico) pues la cuestión de la guerra no permite que se nos unan los de las cámaras de comercio, lo cual es mejor para los asuntos científicos. Io iré además en la semana que viene, saliendo de aquí el viernes inmediato ó el sabado para llegar el domingo de ramos, veré vuestras colecciones y hablaremos de lo que pueda hacerse entre los naturalistas y para la visita de Mayo.

He enviado a Mr. Choffat un cajon con dos colecciones completas de los Trabajos del Museo y de las Memorias y Notas de la Comisión; ahí haremos el reparto en la forma que convenga.

Mis saludos a los colegas de esa. Suyo aff.

Eduardo HPacheco
(assinatura legível)

-
- ções – por Joaquim Fontes, desprovido de qualquer suporte oficial susceptível de institucionalizar os contactos pretendidos do lado português. Tal desproporção de meios terá justificado o generoso oferecimento de custear as deslocações do português, sendo claro que, para os espanhóis, a deslocação de numeroso grupo a Portugal não oferecia dificuldades.

2.1.3 – Carta. Papel timbrado

MUSEO NACIONAL DE CIENCIAS NATURALES
LABORATORIO DE GEOLOGÍA
MADRID — HIPÓDROMO

— ○ —

21 – III – 1917

Mi distinguido amigo y compañero: Efectivamente en la visita que hizo al Museo el Sr. Profesor Celestino da Costa ⁷ le hablé de los deseos de armonizar y estrechar las relaciones científicas entre los prehistoriadores de Portugal y los españoles. Es un asunto indudablemente conveniente a unos y a otros pero que sobre el cual no tengo formado aún plan sino la convicción del beneficio mutuo que resultaría de algo que en este se hiciese.

Le hablé también de la invitación que el año pasado tuve el placerle (*sic*) de hacerle a V. para que viniese a colaborar en las excavaciones que estaba haciendo en algunas cavernas de Asturias, y es claro que si V. hubiera podido venir nuestra comisión le hubiera abonado los gastos de viaje desde Madrid y la estancia durante las excavaciones. Hubiera sido una buena ocasión para nosotros que hubieramos tenido su cooperación eficaz, y para V. que hubiera adquirido algunos conocimientos de visu en excavaciones del paleolítico superior, aún poco conocido en Portugal. Cuando hagamos otras excavaciones, si V. puede venir tendremos mucho gusto en que colabore con nosotros en las condiciones anteriormente manifestadas ⁸.

⁷ Eminente médico, Professor catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa, onde Joaquim Fontes no ano anterior havia concluído o Curso de Medicina, com distinção e onde ingressaria pouco depois, em 1919, como 2º. Assistente (Almeida, 1973, p. 21). Naturalmente, apesar da sua invulgar craveira científica, não seria a pessoa mais indicada, dada a sua área diversa de interesses, para dinamizar a colaboração entre Espanha e Portugal, no domínio da Arqueologia.

⁸ Joaquim Fontes, à semelhança do que havia de suceder com outro português, o Padre Eugénio Jalhay, concretizou a sua deslocação às Astúrias, albergando-se em casa do Conde de la Vega del Sella, na povoação de Nova. Mas foi na Galiza que efectuou importantes investigações, desig-

No crea V. que en España los estudios de Ciencias están en buen estado, sino en comienzo de renacimiento que no sé si se consolidará; todo está aún en organización, sin locales definitivos y sin personal formado por completo. En ciertas investigaciones están Vdes mejor que nosotros.

Mucho placer tendremos en verle a V. en Madrid, como también en visitarle a Vdes en Lisboa que el año pasado por varias causas, entre otros por terminar mis excavaciones en Asturias.

Hoy mismo salgo a Andalucía con una expedición de alumnos y no regreso hasta mediados del mes. El Sr. Obermaier con un alumno y el dibujante vá a copiar y estudiar unos nuevos yacimientos con pinturas en Valencia y no estará en Madrid hasta Mayo⁹.

Ya sabe V. que del 1 al 7 de Mayo es el congreso de Ciencias de Sevilla. ¿iran muchos portugueses? El proximo hay el proyecto de celebrarlo en Portugal y este año no se hizo a causa de la guerra.

La mejor época para ver en Madrid a las personas en los laboratorios es el otoño pues en primavera y verano se destinan a trabajos de campo.

Suyo aff. amigo s. s. Eduardo HPacheco
(assinatura legível)

nadamente sobre a estação de Camposancos, publicada posteriormente (Fontes, 1925).

⁹ Trata-se, provavelmente, dos trabalhos que conduziram à publicação da 21ª. Memória da Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, em 1919, feita por H. Obermaier e P. Wernert, "Las pinturas rupestres del barranco de Valltorta (Castellón)".

en mejor para la próxima cien-
 tíficos. Yo iré además en la
 semana que viene, volviendo
 de aquí el viernes inmediato.
 Yo iré el sábado para llevar
 ahí el domingo de mañana,
 veré a vuestros coleccionistas y hablaré
 con ellos de lo que pueda hacerse
 entre los naturalistas y
 para la visita de Mayo.

He enviado a Mr. Choffat
 un cajón con las colecciones
 completas de los trabajos
 del Museo y de los Memorias
 y Nota de la Comisión; ahí
 encontraré el reporte en la
 forma que conviene.

Mis saludos a los colegas
 de aquí.

F. Hernández Pacheco

Fig. 1 - Manuscrito autógrafo de E. Hernández-Pacheco para Joaquim Fontes (extracto do Documento 2.1.3, de 21 de Março de 1917).

2.1.4 – Carta. Papel e sobrescrito timbrados

MUSEO NACIONAL
DE CIENCIAS NATURALES
MADRID (HIPÓDROMO)

12 Junio 1917

Mi distinguido amigo: He entregado la letra que V. me envió al Secretario de la Asociación Sr. Garcia Merot y ya la ha cobrado, por lo tanto cumplido su encargo.

Al contestarle ahora no encuentro su carta por lo que no sé si olvidaré contestar algo. El Conde de la Vega de Sella marchó hace tiempo y está en su residencia de Nueva (Asturias) a donde puede V. escribirle. Me dice que está entretenido excavando una cueva inmediata a su casa, y que no encontró nada de particular.

El Sr. Castillejo saliu para Inglaterra para asuntos relacionados con la Junta para Ampliación de Estudios.

No le digo en esta nada de proyectos pues hablaremos en Lisboa. Tengo en la primera quincena de Julio que hacer un viaje a Asturias a asuntos de la Junta de Parques nacionales y hacia al 15 de Julio quisiera salir de Verano a Portugal, por lo cual le agradecería si cree V. que dadas las circunstancias anormales esto será facil con la familia; hace tiempo estuvieron mis hijos y mi mujer en Sao martinho do Porto en una casa que alquilamos pero aunque el sitio me gusta para la familia pues un bon sitio para excursiones a Lisboa, Coimbra...etc pero si V. pudiera enterarse si hay fondos? que no sean casas lo preferia pues permite este sistema mas movilidad. – Creo que en la cosecha (...) se habrá comparado en parte la cuestión de susistencias en Portugal. Sin otra cosa queda de V. suyo aff. amigo

Eduardo HPacheco
(assinatura legível)

2.1.5 – *Postal*

(26 – IX – 1917 – Madrid)

Querido amigo: Sin prejuicio de enviarle mas detalles puedo adelantarle que aunque tenemos los fondos del año casi agotados he buscado el medio de poder destinar unas 400 pesetas a su viaje de estudio del paleolitico superior de Asturias. Unas 290 pesetas (contando los trayectos portugueses con el cambio a la [...]) custan los viajes y el resto unos 20 dias à 10 pesetas de dietas viene a suponer las 400 pues las dietas tienen un impuesto del 12% – Me dice el conde de la Vega que debe V. ir en la primera quincena de Octubre a causa de las lluvias que comienzan generalmente en la segunda quincena. – Vaya preparando el pasaporte y contesteme si le giro fondos ó los recoge V. en Madrid. – Traigase un documento de la Universidad de Lisboa, o del consulado español (dá lo mismo) diciendo se ha presentado V. manifestandose al comisionado por la Com de Investigaciones prehistoricas de la Junta para Ampliación de Estudios a efectuar estudios de prehistoria en España¹⁰. Suyo aff. a.

EHPacheco
(rubrica legível)

¹⁰ Existem provas que documentam a realização desta missão às Astúrias, por parte de Joaquim Fontes (ver Nota 15, documento 2.3.2). A dificuldade de circulação e entrega da correspondência deverá ter atrasado a recepção atempada desta missiva, à semelhança da anterior, o que terá motivado o envio de outra carta, desta feita registada (ver 2.1.6), a 4 de Outubro, seguida, a 7 de Outubro de missiva do próprio conde de la Vega del Sella (ver 2.3.1), já no limite temporal da possibilidade de deslocação do arqueólogo português às Astúrias antes do início da época chuvosa.

2.1.6 – Carta. Papel timbrado

MUSEO NACIONAL DE CIENCIAS NATURALES
LABORATORIO DE GEOLOGÍA
MADRID — HIPÓDROMO

— ○ —

4 – X – 1917

Sr. D. Joaquim Fontes

Mi querido amigo: No tengo contestación a las postales que le envíe por lo que le remito esta carta certificada.

Su viaje de estudio de prehistoria a Asturias me dijo el conde de la Vega del Sella que era mejor en la primera quincena de Octubre que en la segunda a causa de la inseguridad de la época de lluvias.

Para estos gastos disponemos en la Comisión de Investigaciones paleontológicas y prehistóricas de unas 400 a 450 pesetas que juzgo suficientes para gastos de viaje y dietas durante los días que dure el estudio.

Si viene V. puede recuperar esta cantidad en Madrid en el Museo de Ciencias Naturales ó puedo girarle una parte.

Conviene si se ~~dedie~~ decide sea pronto pues el tiempo avanza y si llegan las lluvias no puede hacerse nada, ó que lo deje V. para la primavera.

Si viene ahora tragase un documento del consulado español ó de la Universidad de Lisboa ó Commissão do Servizio geologico, (a elegir) en que conste que V. manifiesta que residente en Lisboa sale comisionado por la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistoricas en viaje de estudio al Norte de la Peninsula esto es para que sirva de justificante a los gastos de viaje¹¹.

¹¹ Salienta-se, uma vez mais, o empenho de E. Hernández-Pacheco em estreitar laços de colaboração com Joaquim Fontes, na qualidade de

Suyo aff amigo

Eduardo HPacheco
(assinatura legível)

Mis saludos al Sr. Choffat, Pereira¹², &.

2.2 – Correspondência com Juan Cabré

2.2.1 – Carta. Papel timbrado

INSTITUTO NACIONAL DE CIENCIAS
COMISIÓN DE INVESTIGACIONES
PALEONTOLÓGICAS Y PREHISTÓRICAS
MADRID (HIPÓDROMO)

21 de Junio 1916

Sr. D. Joaquim Fontes

Mi más respetable y distinguido amigo: Hace unos dias le escribí a V y supongo que recibiria mi carta.

He estado durante estes últimos dias esperando las pruebas de mi articulo para correjirlas pues asi lo confiava en vista que V me decía que las había entregado á la imprenta¹³.

jovem e promissor arqueólogo português, através da sua viagem de estudo às Astúrias.

¹² Trata-se de Júlio N. Pereira, colaborador de Joaquim Fontes. Não esquecer, por outro lado, a relação quase filial que Joaquim Fontes tinha com Paul Choffat, então quase no fim da vida, e que via no jovem médico uma possibilidade de continuação da investigação no domínio da Arqueologia, que tinha justamente celebrizado, no século anterior, a Comissão do Serviço Geológico, durante décadas servida por Paul Choffat com raro brilho e dedicação. Tal relação foi ao ponto de o eminente geólogo ter legado em testamento todos os seus livros de arqueologia a Joaquim Fontes (Castelo-Branco, 1961, p. 180).

Si a V. no le fuera mucha molestia quedaria altamente agradecido si me las mandara hasta ultimos de este mes, pues como nos tenemos que marchar a primeros de Julio a Asturias y Burgos a hacer unos estudios en unas cavernas con arte quaternaria muy tranquilo ^{al} dar al V. B. a mi publicacion antes de salir de Madrid.

Le saluda muy afectuosamente su admirador y compañero

Juan Cabré
(assinatura legível)

2.3 – Correspondência com o conde de la Vega del Sella

2.3.1 – Carta. Papel com brasão de armas do conde. Sobrescrito com indicação de ter sido expedido a 7 e aberto pela censura, em Lisboa, a 11 de Outubro de 1917

Nueva 7 de Octubre 917

Ex^{mo} Sr. D Joaquim Fontes

Mi estimado amigo: com mucho gusto he recibido su carta por la que creo proxima venida à esta

Supongo habrá recibido carta del Sr. Eduardo Pacheco a quien indicaba la conveniencia de que V. anticipara el viaje lo mas posible porque en esta region empiezan ya las lluvias y como los yacimientos estan á la entrada de las cuevas, se hace dificil la manipulacion de tierras

Yo creo que le seria util el hacer personalmente algo de excavacion

En Nueva no necesita V. de hotel pues puede pasar en mi casa

¹³ Refere-se à pequena monografia publicada em 1916 pela Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, por iniciativa de Joaquim Fontes, que naquela Sociedade detinha cargo directivo, intitulada “Arte Rupestre Gallego y Portugués”.

INSTITUTO NACIONAL DE CIENCIAS
COMISIÓN DE INVESTIGACIONES
PALEONTOLÓGICAS Y PREHISTÓRICAS
MADRID-(HIPÓDROMO)

21-Junio 1916

Sr D Joaquim Fontes

Mi más respetable y distinguido amigo: Hace unos días le escribí a V y supongo que recibirá mi carta.

He estado durante estos últimos díasapurando las pruebas de mi artículo para corregirlas pues así lo convenía en vista que V me decía que las había entregado a la imprenta.

Si a V no le fuera mucha molestia quedaría altamente agradecido si me las mandara hasta últimos de este mes, pues como nos tenemos que marchar a primeros de Julio a Asturias y Burgo a hacer unos estudios en unas cavernas con arte quedaría muy tranquilo al dar el V.P. a mi publicación antes de salir de Madrid.

Se le saluda muy afectuosamente su admirador y compañero
Juan Cabré

Fig 2 - Manuscrito autógrafa de Juan Cabré para Joaquim Fontes (extracto do Documento 2.2.1, de 21 de Junho de 1916).

Cuando hagámos las excavaciones, como estas estan à, 7 y 9 kilometros de Nueva podra V. pasar en alguna pequena fonda cuyo precio no pasará de 5 pesetas

Le ruego me avise su salida con dos o tres dias de anticipación

El itinerario que debe seguir es el siguiente

Desde esa á Medina del Campo

De Medina del Campo á Oviedo directo en el tren correo

De Oviedo por los Ferrocarriles Economicos de Asturias á Nueva¹⁴

Sin mas y esperando tener el gusto de saludarle pronto queda suyo af^m amigo

C. Vega del Sella
(assinatura legível)

2.3.2 – Carta. Papel com brasão de armas do conde

Nueva 20 de Nov. 917

Sr D Joaquim Fontes

Mi estimado amigo: à mi regreso de Salamanca me encuentro con su amable carta por la que creo que llegó a su pais sin novedad¹⁵; yo sigo bien de mi estomago y como de todo

Recibi la revista de Anatomia y Antropologia con sus trabajos sobre tatuagem por los que le doy las mas expresivas gracias¹⁶

¹⁴ A insistência dos arqueólogos espanhóis com a presença de Joaquim Fontes nas Astúrias encontra-se sublinhada nesta missiva, onde o conde de la Vega del Sella fornece todos os pormenores para a realização da viagem; recorde-se que Joaquim Fontes tinha já previamente assegurada a parte financeira, por iniciativa de E. Hernández-Pacheco, ficando agora também garantidos os aspectos logísticos da deslocação.

¹⁵ Trata-se da única passagem na correspondência publicada que comprova a deslocação de Joaquim Fontes às Astúrias, no Outono de 1917, onde, sob a orientação do conde de la Vega del Sella, participou em escavações pré-históricas.

Si U. me autoriza para ello reproduciria en la monografia sobre el Dolmen de Cangas de Onis dos de los dibujos de Manijancos nº 4 y la cuya vestidura en linea quebrada y triangular corrobora mi teoria del dibujo del dolmen

Tambien le agradezco los datos que me envia acerca de las pinturas dolmenicas de Portugal¹⁷ y cuando vaya a Madrid procuraré estudiarlos

Dentro de poco enviaré à mi prospector hacer un viaje recorrer cuevas en esta region para ver si encuentro nuevos yacimientos y caso que encontraré alguno que mereciese la pena le avisaria para trabajarlo este verano

Toda esta familia me encarga lo salude y yo à mi vez le ruego presente mis respetos al S^r Leite de Vasconcellos a quien tengo vivos deseos de conocer personalmente

Ya sabe que en cualquier ocasion en que me crea util puede disponer de este su af^{mo} amigo

C. Vega del Sella

¹⁶ Trabalho publicado por Joaquim Fontes, no qual compara as tatuagens faciais patentes em ídolos calcolíticos e da África Negra (Fontes, 1915). Note-se que, no mesmo ano, Vergílio Correia, funcionário do então "Museu Ethnologico Portuguez" tinha publicado artigo sobre o mesmo tema, intitulado "Ídolos prehistoricos tatuados". Refira-se que o frio relacionamento entre ambos se encontra bem documentado a partir de 1918, quando Joaquim Fontes refutou as críticas apresentadas por Vergílio Correia à obra de J. Cabré anteriormente citada, publicada em 1916 em Portugal por iniciativa daquele (ver Nota 13).

¹⁷ À época, em Portugal, muito pouco se sabia ainda acerca de pinturas dolmênicas. Deve destacar-se, a este propósito, o nome de José Coelho, pelas descobertas por si efectuadas em 1912 em uma das antas de Côta, Viseu, designada de Pedralta. É o próprio que declara ter consultado, a propósito de tais descobertas, Juan Cabré, que lhe respondeu em carta datada de 8 de Novembro de 1916 (Coelho, 1924, p. 10, 11). A prioridade de José Coelho na descoberta da arte megalítica na região de Viseu viria a originar acesa polémica com o Prof. Mendes Corrêa: este último, anos depois, faria partir um dos esteios pintados da anta de Pedralta removendo-o para o Instituto de Antropologia, anexo à Faculdade de Ciências do Porto, onde ainda hoje se encontra, o que provocou a indignação do ilustre viseense (Cardoso, 1999).

Como todavia no he ido à Madrid no he podido confrontar el asta que encontramos el ultimo dia en Balmori, pero que creo que es de Cervus Megaceros¹⁸

mea dispoer de esta un
apre amigo
C. Vega del Sella

Como todavia no he ido à Madrid
no he podido confrontar el asta que
encontramos el ultimo dia en
Balmori, pero creo que es de
Cervus Megaceros

Fig. 3 – Manuscrito autógrafo do conde de la Vega del Sella para Joaquim Fontes (extracto do Documento 2.3.2, de 20 de Novembro de 1917).

¹⁸ A cueva de Balmori, escavada pelo conde de la Vega del Sella, possui vários níveis do Paleolítico Superior, sendo o último já do Asturiense. A peça em haste de cervídeo mencionada nesta carta poderá corresponder a qualquer dos exemplares reproduzidos na obra dedicada ao Asturiense (Vega del Sella, 1923, Fig. 12), os quais, pelo seu grande tamanho, sugeriram ao autor pertencerem a bastões paleolíticos executados em hastas de *Cervus canadensis* (op. cit., p. 29), revogando a hipótese apresentada nesta missiva. O mais certo, porém, é corresponderem a veado (*Cervus elaphus*).

2.4 – Correspondência com o Padre Eugénio Jalhay*

2.4.1 – Carta. Papel timbrado da Revista Brotéria

REVISTA BROTERIA

SÉRIE MENSAL, « Fé – Ciências – Letras»

Enderêço: CAMINHA (PORTUGAL)

1 de Abril (de 1926)

Meu bom Amigo

Acompanho-o na sua dôr pela perda do parente querido que Deus N. Senhor quis chamar a si. Para os que temos fé, a morte é apenas uma separação momentânea, e pela misericórdia de Deus esperamos ver-nos depois novamente os que com laços de amizade ou parentesco estivemos ligados em vida. Sirva êsse pensamento, de esperança e consolação, no meio da amargura com que Deus quis provar o meu amigo e sua Ex.^{ma} Esposa.

O cónego de Orense chama-se D. Juan Dominguez Fontela. No envelope basta pôr: “Canónigo de la Catedral, Orense”, sem rua nem mais nada, porque é conhecidíssimo lá.

A povoação, ou melhor, um dos três bairros da vila de Oya, de que me fala o meu amigo, chama-se Raiña (por corrupção, Riña). Por ela passou, segundo a tradição, a nossa rainha Santa Isabel a caminho de Santiago: daí o nome. De modo que o verdadeiro nome é Raiña, e só alguns do povo é que dizem Riña.

Vi, claro está, a crítica que o D. Julio Martinez fêz ao seu trabalho sôbre Camposancos, no Buttleti do Bosch Gimpera¹⁹.

* Em nenhum dos Documentos se encontra indicado o ano; a sua leitura permitiu, pelas informações extraídas confrontadas com outros elementos, ultrapassar esta lacuna.

¹⁹ Trata-se de crítica do futuro Professor da Universidade de Madrid Julio Martinez Santa-Olalla e director do Seminario de Historia Primitiva del Hombre, que viria a ter papel de grande importância na arqueologia espanhola do pós-guerra, no exercício das funções de “Comisario General de

Contrariou-me deveras, e não esperava uma sensaboria daquelas dum rapaz, que afinal eu iniciei na pre-história, em Burgos. Tera agora uns 20 anos, e é, de facto, um grande talento. Foi discípulo do Obermaier e de Bosch. É contudo bastante precipitado. Escrevi-lhe logo a dizer que tivesse mais cuidado com ajuizar das coisas só pelas figuras, e que o mesmo Obermaier não se tinha pronunciado contra a classificação do meu amigo. Eu estou ainda pelo que me diz na sua carta e pelo que diz Obermaier: há aqui uma sucessão de indústrias, que é preciso desvendar. Tenho encontrado mais coups-de-poing e discos do paleolítico inferior, bem diferentes do asturiense. O Conde de la Vega supõe que também haverá azilense! Com a visita do meu amigo e dos dois de Madrid (Obermaier e Conde), tudo se aclarará. Ainda não sei quando será. Até mesmo seria possível que não se realizasse, pois são capazes de levar adiante a reunião do Congresso internacional de Madrid, neste ano, uma vez que não se realiza a Exposição de Sevilha (era esta a causa, como sabe, do adiamento do Congresso). De tudo o prevenirei com tempo; mas desde já folgo imenso com a sua vinda. Leválo hei (*sic*) a visitar todas as gravuras descobertas depois da sua última visita. Este ano os nossos amigos (?!) da Sociedad Pro Monte farão escavações em Santa Tecla.

Fico muito penhorado pelas palavras amáveis com que se refere à minha próxima ida a Lisboa e pelos atenciosos oferecimentos do meu bom Amigo. Vou de facto para casa de minha família: como o meu amigo tem telefone, combinaremos o local da nossa primeira entrevista. Não lhe posso ainda dizer em que dia será, porque não sei ainda quando estarei livre de uns encargos urgentes que levo. Vou com o grupo de alunos de Lisboa, que vão passar as férias com a família.

Excavaciones Arqueológicas". A obra em causa defendia a existência de indústrias paleolíticas identificadas em trecho litoral junto à barra do rio Minho, do lado galego, em Camposancos, hipótese rebatida por Santa-Olalla (ver Nota 8).

Vai também o P. (...) Luisier²⁰, que está com muita curiosidade de visitar a sua belíssima colecção: mas êle demorar se há apenas alguns dias, e eu espero ficar até 2ª. Feira 25, voltando de novo com os alunos.

Até breve e creia-me sempre seu m^{to}. amigo e admirador

E. Jalhay
(assinatura legível)

2.4.2 – *Carta. Papel timbrado da Revista Brotéria*

REVISTA BROTERIA
SÉRIE MENSAL, « Fé – Ciências – Letras »
Enderêço: CAMINHA (PORTUGAL)

27 de Abril (de 1925)

Meu Ex^{mo} e bom Amigo

Bemvindas as suas notícias de Paris, depois de um silêncio que eu julgava julgava provir dalguma indelicadeza que eu tivesse cometido para com o meu bom amigo – indelicadeza contudo que não teria sido senão involuntária, confesso-o francamente. Folguei muito em saber pelo Dr. Félix A. Pereira²¹ que tinha partido para o estrangeiro, ainda que por outro lado muito senti

²⁰ O Padre jesuíta Luisier era um apaixonado pela arqueologia e, enquanto professor no Colégio de Campolide, fora um dos descobridores, conjuntamente com o Padre Bovier-Lapierre das indústrias pré-históricas da serra de Monsanto (Lisboa). Com a expulsão dos Jesuítas de Portugal, depois de implantada a República, fixou-se em outro Colégio que a Ordem possuía em La Guardia, Galiza.

²¹ Antigo funcionário do então designado “Museu Ethnologico Portuguez” e colaborador dedicado do seu fundador e director, o Dr. José Leite de Vasconcelos. Publicou diversos estudos de carácter arqueológico-histórico sobre o Alto-Minho, nas páginas de *O Arqueólogo Português*, entre muitos outros, o que explica as relações de estreita colaboração e de amizade que manteve com Joaquim Fontes, autor da sua nota necrológica, publicada em 1938 no órgão científico da Associação dos Arqueólogos Portugueses, a que ambos pertenciam.

não o ver em Lisboa quando agora lá passei uns 10 dias. Paris e Londres hão de lhe dar muitos momentos de prazer científico, e a nossa pre-história muito há de ganhar com essa visita. Peço o obséquio de me recomendar ao Prof. Breuil, quando estiver com êle.

Apesar de já o ter feito em carta ou postal para sua casa, renovo aqui os meus agradecimentos pelas referências que fez às minhas pesquisas na conferência do Carmo – conferência linda, no dizer do Dr. Leite de V.²² Muito pesar tive de não estar ainda em Lisboa nesse momento, mas esse pesar dissipar-se há em parte quando ler a conferência no Boletim. V. Ex.^a pede-me que reveja o manuscrito antes de o mandar imprimir. Mas, por Dios, (*sic*) quem sou eu diante de V. Ex.^a para me afoitar a tal? O mais que posso rever com conhecimento de causa é a parte topográfica, por conhecer, como V. Ex.^a diz, a região. Mais nada: no resto considero-me com toda a sinceridade um pigmeu com relação ao meu bom amigo e mestre.

Gostará de saber o que pensa o Obermaier sôbre a estação de Camposancos. Mandeilhe uma caixita com indústria paleolítica, fauna e cerâmica do depósito de conchas. Respondeu-me assim (repeito à letra o francês um pouco bárbaro): “Le contenu du paquet m’a beaucoup surpris. J’ai l’impression qu’il y a à Camposancos, un mélange de plusieurs périodes. Les pierres taillées ont, en partie, un aspect du Paléolithique inférieur; en partie il me semble qu’il s’agit de types de la famille de l’Asturien. Il semble que l’amas de coquilles (à Patella et Trochus?) se trouve en voisinage d’un gisement acheuléen, et il se peut qu’il y existe même un mélange direct, qui peut remonter jusqu’à l’époque asturienne. Et la poterie? Est-elle seulement à la surface du « conchero » ou dans son intérieur? – Ce qui est certain c’est qu’il existe à Camposancos un problème stratigra-

²² Trata-se da conferência publicada nas páginas do órgão científico da Associação dos Arqueólogos Portugueses, a revista “Arqueologia e História” (Fontes, 1926).

phique à étudier et à débrouiller, qui est d'une grande importance..... Il se pose ainsi:

1) Existe-t-il une industrie quaternaire dans les graviers du Minho?

2) Quelle est l'industrie exacte, renfermé dans le amas de coquilles?

3) Y a-t-il encore du néolithique en contact avec 2)? »²³.

Como o amigo vê, ainda temos muito que estudar e a região presta-se a isso. O Obermaier convida-me a trabalhar, como já o tinha V. Ex.^a no artigo da Brotéria. A-pesar de me sentir para isso com forças ainda muito débeis, vou atrever-me a fazer alguma coisa, depois de umas escavações metódicas que penso fazer.

Ceguei a Lisboa na 5.^a feira santa, 9, à meia noite, no rápido do Porto. O Dr. J. L. de Vasconcellos e o Dr. F. A. Pereira foram duma ambilidade extraordinária para comigo. O primeiro convidou-me um dia a ir jantar a sua casa, onde me mostrou demoradamente a sua rica biblioteca e os célebres verbetes²⁴. Além disso estive uma tarde comigo em Belém, mostrando-me tudo. O segundo acompanhou-me ao Museu da Comissão do Serviço Geológico (onde encontrámos um pre-historiador sueco, creio, Adolfo Roesenberg, em visita de estudo) e à Escola Médica, onde de novo pude ver a sua bela colecção, com licença suposta e subentendida de V. Ex.^a.

²³ É interessante esta sùmula de H. Obermaier, por ser muito clara quanto à problemática em jogo no tocante à idade das indústrias líticas de Camposancos (paleolíticas ou pós-paleolíticas?), bem como às questões prioritárias que deveriam ser cabalmente respondidas, com o apoio imprescindível da geologia estratigráfica.

²⁴ Alusão aos verbetes onomásticos organizados por J. Leite de Vasconcelos, e que tanto admiravam os seus colaboradores ou simples visitantes, como os irmãos Joaquim e Victor Fontes, nos alvares do seu convívio com o Mestre; um desses episódios foi já relatado (Almeida, 1973, p. 20).

Quando V. Ex.^a voltar a Lisboa, enviarei o pico de La Franca que teve a bondade de me remeter afim (*sic*) de o comparar com os instrumentos de Camposancos²⁵.

Os dias correram-me esplêndidos, se não falarmos da brincadeira de sábado 18 e domingo 19. Uma das granadas vindas do Parque para o Carmo estalou diante da casa onde me hospedava, à Calçada da Glória, entrando pelo meu quarto sem me pedir licença prévia. Partiram-me os vidros, portas etc. mas deixaram-me a pele ileso, por ter saído de lá momentos antes. Graças a Deus! Espero que aa casa do meu bom Amigo nada tenha sofrido, a-pesar de lá terem colocado^{perito} algumas peças que bombardearam os revoltosos.

A revolução veio-me impedir uma excursão ao Casal do Monte que tínhamos projectado o Dr. Félix A. Pereira e eu, para domingo. Paciência!

Os clichés de Oya não teem pressa. Basta que m'os faça chegar às mãos, depois de ter vindo do estrangeiro²⁶.

Disponha sempre do que se subscreve com muita estima

De V. Ex.^a

Amigo m.^{to} grato e admirador

E. Jalhay

(assinatura legível)

P. S. No Porto estive com o Mendes Corrêa. O célebre esteio do dolmen da Beira Alta, com pinturas que fazem lembrar as gravuras dos chapões de lousa, é coisa digna de se ver e estudar²⁷.

²⁵ O Pico de La Franca pertencia ao conjunto das peças recolhidas por Joaquim Fontes no litoral asturiano, aquando da sua estada nas escavações do conde de La Veja del Sella, em 1917 (ver nota 40, Documento 2.4.7).

²⁶ Trata-se de figuras antropomórficas esquemáticas, cuja fotografias, executadas por Eugénio Jalhay, foram por este cedidas a Joaquim Fontes, publicando-as sob a forma de desenho (Fontes, 1926, Fig. 15). Tais representações foram publicadas no mesmo ano do presente trabalho, por Eugénio Jalhay (*op. cit.*, p. 60, nota infrapaginal).

2.4.3 – Carta. Papel timbrado da Revista Brotéria

REVISTA BROTERIA
SÉRIE MENSAL, « Fé – Ciências – Letras »
Enderêço: CAMINHA (PORTUGAL)

15 de Julho (de 1925)

Meu bom Amigo

Ando todos os dias com o propósito de lhe escrever e... nada! Dá-se o caso de que tanto o Snr. P. Tavares como o meu colega de redacção P. Marinho estão ausentes, e eu aqui estou sózinho com todo o trabalho da revista e com tôdas as questões e questionculas que uma ocupação destas traz consigo. Quando me vejo com o trabalho despachado de um dia, chega-me um montão de cartas noutra, a que é preciso responder. E assim andamos.

Perdôe-me pois o meu longo silêncio, nascido apenas do pouco tempo disponível. Vou ver se aproveito agora uma aberta, para satisfazer dívidas passadas. Em 1.º lugar muito e muito obrigado pela sua última carta: quero ver e desejo sinceramente que sua Ex^{ma}. Esposa esteja completamente restabelecida do grave incómodo que a obrigou a sofrer uma operação.

No princípio de Agosto parto para as Astúrias. Vou assistir às excavações do nosso grande Obermaier na gruta de Altamira, excavações que a esta hora já devem ter começado mas que se prolongarão até 20 do próximo mês. Foi êle que me convidou, e tal convite não era para desprezar. Depois visitaremos com o Conde de la Vega del Sella a gruta del Castillo (Puente Viesgo), e algumas do Asturiense, onde poderei notar in situ as diferenças que existem entre essa indústria e a de Camposancos, e para as quais já V. Ex.^a me chamou a atenção²⁸. Espero

²⁷ Ver Nota 17.

²⁸ Tratava-se de saber se, de facto, tais indústrias eram contemporâneas do Asturiense, ou mais antigas, ainda paleolíticas, como sustentava Joaquim Fontes. Merecem destaque as relações cordiais de trabalho estabelecidas

estar de volta lá para o dia 20. Vejo que V. Ex.^a também não foi a Coimbra (*sic*). E a êsse propósito quiere saber o que me escreveu Obermaier? Transcrevo-lhe à letra, a-pesar do francês um pouco... alemão: “Avez-vous été à Coimbra? J’y ai renoncé pour ma part, puisque la préhistoire était seulement représentée par des dilettanti, et je tache de travailler peu à peu au nettoyage de ce mélange...” E de facto, à parte o trabalho de V. C. sôbre Alcácer, creio que pouco mais se apresentou nesta secção²⁹.

Já tenho os materiais reunidos para o artiguito sôbre as gravuras de Oya³⁰ que sairá, segundo penso, no n.º de Julho-Agosto do Boletim de Orense.

O Casto Sampedro, de Pontevedra, andou há pouco com crianças, querendo obstar às explorações que tenciono fazer em Camposancos. Escrevi-lhe uma carta num tom um pouco grosso, e o homem amansou. Não gostou nada de que o Snr. Dr. Leite de V. e V. Ex.^a levassem pedras para Portugal! Como se eu agora não pudesse meter ao bolso um pedregulho que encontro num caminho qualquer! Já é vontade de querer conservar, ou melhor, armazenar tudo o que encontra³¹!

Li algures que V. Ex.^a fêz uma comunicação à A.A.P. a respeito do Austrolopithecus africanus³². Suponho que terá visto

com Hugo Obermaier e o conde de la Vega del Sella, que viabilizaram o contacto directo de Eugénio Jalhay com as mais importantes estações pré-históricas asturianas. Ver Notas 8, 19 e 23.

²⁹ Refere-se à comunicação de Vergílio Correia “Uma Conferência sobre a necrópole de Alcácer do Sal”, publicada em 1925 no volume 7 da revista “Biblos”.

³⁰ Publicado apenas em 1929 (Jalhay, 1929), depois de um primeiro artigo, mais geral, dedicado à arte rupestre do extremo sudoeste da Galiza (Jalhay, 1926). Ver Nota 26.

³¹ Conclui-se que, à época, se considerava legítimo e normal a realização de trabalhos arqueológicos em Espanha por arqueólogos portugueses (e vice-versa...), trazendo-se, para Portugal, os resultados dessas explorações, pelo menos no caso materiais líticos de recolha superficial, como era o caso.

³² O texto desta conferência não chegou a publicar-se.

as novas observações publicadas a êsse respeito por Boule em La Nature, depois já do artigo que êste publicara na Anthropologie. Também mandei alguma coisita para a tipografia, sôbre o assunto, e que aparecerá no número de Agosto da Brotéria³³.

Peço mais uma vez desculpa de não lhe ter enviado^{ainda} o plico de la Franca: como desejo fotografá-lo com o que aqui achei em La Guardia, e o tempo ainda m'o não permitiu até hoje, cá está à espera no meu quarto. Mandar-lhe hei depois os dois para que V. Ex.^a os veja também e compare.

Sempre ao seu dispor.

Um abraço do seu amigo muito dedicado e grato

Eugénio Jalhay
(assinatura legível)

O Sr. Dr. Leite de V. já cá está para cima. Ainda me escreveu há 3 dias do Pêso (Monção). Vou ver se vem aqui passar ao menos umas horas ao Colégio, a-pesar da pressa com que está êste ano. E V. Ex.^a? Não vai ao Gião³⁴? Se cá viesse, tínhamos

³³ Eugénio Jalhay publicou, entre 1925 e 1927, diversos artigos com continuidade na Revista Brotéria, sob o título "O que nos diz a ciência sobre a origem do homem". O artigo em causa deverá corresponder ao publicado no número de Agosto de 1925, a pp. 397-404. Mais tarde, em 1931, o autor voltou a actualizar os conhecimentos sobre tal matéria, em artigo publicado na mesma Revista, intitulado "A antiguidade do Homem (Novos elementos para o seu estudo)."

³⁴ Refere-se ao célebre santuário rupestre do Gião, no concelho de Arcos de Valdevez, com gravuras esquemáticas, a que Joaquim Fontes viria a dedicar vários estudos. Esta notável estação pré-histórica, já conhecida em 1925, só em 1932 foi publicada por Joaquim Fontes (Fontes, 1932). No entanto, logo a abrir o seu trabalho, o autor declara que fora identificada pelo Padre José Saraiva de Miranda, que, tempos depois, a visitou em companhia de Félix Alves Pereira. O trabalho de Joaquim Fontes só foi, deste modo, possível graças ao acordo obtido com aqueles dois investigadores, como ele próprio declara, realçando bem o clima de concórdia e de mútuo entendimento então existente (ver nota 21, Documento 2.4.2).

aqui muito que ver... e até lhe fariam bem uns dias passados aqui à beira-mar!

2.4.4 – Postal. “Tarjeta Postal” dos correios espanhóis

Altamira, 5 de Agosto (de 1925)

Meu querido Amigo

É de junto da célebre gruta que lhe envio estas duas linhas.

Cá estou com o Obermaier, assistindo às escavações interessantíssimas que êle está a fazer na gruta. Estamos agora nas camadas do solutrense e magdalenense inferior.

Daqui a dias chegarão o Duque de Alba, o Conde de la Vega del Sella e o Breuil, de Paris.

O pico de La Guardia, de que lhe falei um dia, foi-me aqui classificado pelo Obermaier de asturiense típico. Hei de lh’o mostrar também um dia ao meu amigo. O asturiense foi também encontrado agora na Catalunha. Em todo o caso o mesmo Obermaier me confirmou que também há em Camposancos indústria de tipo do paleolítico inferior³⁵.

Um grande abraço do seu muito amigo e dedicado

E. Jalhay
(assinatura legível)

³⁵ Trata-se da polémica atribuição das indústrias de Camposancos ao Paleolítico, conforme advogou Joaquim Fontes (Fontes, 1925), posição que, aparentemente, contaria com o apoio de H. Obermaier. Ver, no tocante à opinião anteriormente expressa por este último, a Nota 23.

2.4.5 – Carta. Papel timbrado da Revista Brotéria

REVISTA BROTERIA
SÉRIE MENSAL, « Fé – Ciências – Letras »
Enderêço: CAMINHA (PORTUGAL)

18 de Agosto (de 1926)

Meu bom Amigo

Agradeço-lhe muito a sua carta e folgo imenso com a notícia que me dá da sua vinda aqui. Hei de o (*sic*) cansar com fazer-lhe ver tantas figuras rupestres, como são as que existem por aqui! Infelizmente eu estarei ausente desde 9 de Setembro até ao fim do mês: espera-me em Nueva o Conde de la Vega del Sella, com quem tenho combinadas várias excursões. Mas daqui até ao dia 9, aqui estou às ordens do meu amigo. Ainda lhe não mandei de novo os clichés de Oya (Villadesuso); dá-los hei a V. Ex.^a quando cá vier³⁶.

Do meu trabalhito sôbre as gravuras daqui não sei que lhe diga. Está em panne em Orense há mais de 15 dias, tendo já corrido as 2.^{as} provas³⁷. As fotografias não saíram mal.

Eu ando muito atarefado estes dias, visto estar ausente o P.^e Tavares, e ter sôbre mim os encargos da revista. O P. Marinho sai daqui em Setembro para não voltar; o P. Luisier foi à Suíça e só voltará para o novo curso. Eu estive no Douro no princípio deste mês; lá encontrei (Tendais – Sinfães) um marco miliário romano num galinheiro (!) e várias outras velharias romanas. Também lá me deram notícia dum penedo “com um pé gravado, um cavalo e uns sinos”; mas estava tão longe e tinha tão pouco tempo, que não pude ir vê-lo.

O Obermaier chega em Outubro, e espero-o aqui.

³⁶ Ver Nota 26.

³⁷ Corresponde ao artigo publicado em 1926 sobre as gravuras do extremo sudoeste da Galiza, já atrás mencionado (Jalhay, 1926).

Desejo-lhe uma boa cura de repouso em Arganil, bem como a sua Ex^{ma}. Família.

Dê sempre as suas ordens a quem é

de V. Ex^a

Amigo m^{to}. dedicado e grato

Eugénio Jalhay

(assinatura legível)

2.4.6 – Carta. Papel timbrado da Revista Brotéria

REVISTA BROTERIA

SÉRIE MENSAL, « Fé – Ciências – Letras»

Enderêço: CAMINHA (PORTUGAL)

3 de Outubro (de 1926)

Meu bom Amigo,

Não sei se estará já de volta da sua excursão, e por isso esta vai um pouco á sorte e à ventura... Se ainda se encontra fora de Lisboa, dê um salto à Galiza, que já o posso acompanhar. Com efeito cheguei ante-ontem da minha tourné pelas Astúrias, que me deixará uma óptima sempre lembrança muito grata e saudosa. Passei uma óptima semana em Nueva em casa do Conde (os criados lembravam-se ainda muito bem do frio do meu amigo, que o obrigava a ir aquecer-se ao fogão da cozinha...). Com êle visitei El Penicial, Cueto de La Mina, La Riera, Balmori, Cangas de Onis, Peña Tu, Vidiago, etc. etc. e voltei por Altamira³⁸. Nesta última gruta já instalaram luz eléctrica, e a casa-museu está pronta. Tirei umas fotografias que depois lhe mandarei Excavámos em Balmori (magdalenense pobre),

³⁸ Trata-se das mais notáveis grutas da região asturiana, que Eugénio Jalhay teve o privilégio de visitar (e de escavar!), na companhia dos seus exploradores. Esta é uma informação até ao presente quase desconhecida, e de evidente interesse para a história da cooperação científica no âmbito da arqueologia dos dois países ibéricos (ver Documento 2.4.4).

Cueto de La Mina (solutrense esplêndido (*sic*); em menos de ½ hora tínhamos uma bela colecção de pontas clássicas) e La Franca. Espero que a sua excursão tenha sido igualmente proveitosa: dê-me notícias dela, que me hão de interessar.

O Obermaier está a estas horas de volta para a Europa. Foi passar ainda uns 15 dias ao Brasil, depois de andar pela Argentina.

Mando-lhe com esta o meu trabalhito sôbre as gravuras pre-históricas daqui³⁹. Não quis abalançar-me a interpretações, porque acho ainda que é bastante cêdo para isso. O carro que entre elas verá, tem despertado interesse.

Estou com pressa, porque tenho uma hora de trabalho atrazado.

Amigo m.^{to} dedicado e grato

Eug Jalhay

(Queira voltar, se f. f.)

(assinatura legível)

P. S. Recebi a comunicação da Associação dos Arqueólogos de que tinha sido nomeado sócio titular da mesma. Ou muito me engano, ou o meu amigo entrou nesta marosca. Não vejo motivo para tão grande honra; agradeço-lhe contudo os passos que deu para isso. Mais um estímulo para trabalhar neste campo da pre-história!

2.4.7 – Carta

Caminha, 21 de Outubro (de 1926)

Meu bom Amigo

Apareceu-me hoje aqui de surpresa o D. José Menendez, pároco de Vidiago (Asturias), sócio da “academia de la Historia”, de Madrid, e grande entusiasta pela prehistória asturiense. Tem sido companheiro do Conde de la Vega em várias excavações, e ainda ultimamente tinha estado com êle e o Conde em

³⁹ Ver Nota 37.

Peña Tu, La Franca etc.⁴⁰. Vieram aqui em automóvel (saíram de Oviedo ontem, às 8 1/2 h manhã), e em automóvel partiram para aí para ver as nossas colecções de Portugal. Digo partiram, porque com o pároco vão dois cavalheiros, um geólogo, outro advogado, mas ambos estudiosos de prehistória. Contam estar em Lisboa no próximo sábado, 23. Dei-lhes a direcção do meu amigo (Penha de França), e disse-lhes que, se lá o não encontrassem, fôsem à Escola Médica: espero que me fará o favor de lhes dar as indicações necessárias para visitar as colecções daí. Desde já muito obrigado. – Recebi a sua carta, depois escreverei mais pausadamente.

Os excursionistas vão encantados de Sta Tecla.

Amigo mto. grato e admirador E. Jalhay

2.4.8 – *Cartão de visita com a indicação impressa*
 “P. Eugénio Jalhay Revista Brotéria – Caminha”

Cumprimenta o seu bom Amigo Dr. Joaquim Fontes e tem o gosto de lhe apresentar o Sr. D. José Menendez, pároco de Vidiago (Asturias), um dos mais entusiastas da prehistória asturiense e companheiro do Conde de La Vega del Sella nas suas excursões por aquelas terras...

Vai com 2 cavalheiros, um deles geólogo insigne, e outro notário também da mesma região⁴¹.

⁴⁰ Peña Tu, gruta da região asturiana, célebre pelas suas pinturas parietais, entre os quais o célebre “ídolo”, publicado por J. Cabré em 1914, em colaboração com Eduardo Hernández-Pacheco, em Memória da “Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas” e, depois, pelo primeiro no seu opúsculo “Arte rupestre Gallego y Portugués (Cabré, 1916). De La Franca provém o pico recolhido em 1917 por Joaquim Fontes e por este trazido para Portugal, mencionado por Eugénio Jalhay no Documento 2.4.2.

⁴¹ Cartão de apresentação referido na missiva anterior.

Caminha, 21 de Outubro

Meu bom Amigo

Apareceu-me hoje aqui quasi de surpresa o D. José Menéndez, pároco de Viliago (Astúria), sócio da "Academia de la Historia", de Madrid, e grande entusiasta pela prehistória asturiana. Tem sido companheiro do Conde de la Vega em várias expedições, e ainda ultimamente tem estado com elle e o Conde em Pena Tu, La Franca etc. Vieram aqui em automóvel (saíram de Oviedo ontem, às 8 1/2 h manhã), e em automóvel partiram para cá para ver as nossas colecções de Portugal. Digo partiram, porque com o pároco vão dois cavalheiros, um geólogo, outro advogado, mas ambos estudiosos de prehistória. Contam estar em districto nos próximos sábados, 23. Dei-lhes a direcção do meu amigo (Beira de Franca), e disse-lhes que, se lá o não encontrassem, fossem à Escola Púbrica: espero que me fará o favor de lhes dar as indicações necessárias para visitar as colecções daí. Devido já muito obrigado. — Recibi a sua carta, depois encareci mais profundamente.

Os excursionistas vão encantados de Sta. Edda.
Amigo muito grato e admirador. E. Jalhay

Fig. 4 — Manuscrito autógráfico de Eugénio Jalhay para Joaquim Fontes (Documento 2.4.7, de 21 de Outubro, sem indicação de ano).

2.4.9 – Carta. Papel timbrado da Revista Brotéria

REVISTA BROTERIA

SÉRIE MENSAL, « Fé – Ciências – Letras »

Enderêço: CAMINHA (PORTUGAL)

29 de Outubro (de 1925)

Ex.^{mo} Senhor e bom Amigo

Eu é que lhe devo pedir mil desculpas pelo meu prolongado silêncio. Tenho andado a adiar a resposta à última carta de V. Ex.^a, porque lhe queria falar dos meus trabalhos que tencionava publicar sôbre prehistória dêstes arredores. Não ospude ainda preparar. Um dêles era uma nota sôbre o asturiense de La Guardia (estação por mim encontrada mesmo junto a esta vila) e para a qual desejava fotografar o pico que lá achei com o que o meu amigo me emprestou ⁴². Queira acreditar que ainda não me sobejou tempo para isso. Como o Conde de la Vega del Sella me vai mandar agora um caixote com indústria e fauna desse período, envio já a V. Ex.^a o pico que teve a bondade de me mostrar. Muito obrigado.

Mas antes de lhe falar de velharias, quero manifestar ao meu amigo os meus sinceros desejos de pronto restabelecimento da sua Ex.^{ma} esposa, sentindo muito os seus incômodos e o que o meu amigo terá também sofrido com isso. Oxalá que a estas horas tudo tenha passado!

Já terá talvez sabido que a gruta de Altamira esteve por um triz para arruinar-se irremediavelmente. Se não fôssem os cuidados da nova Junta de proteccion que tem como presidente honorário o rei e efectivo o duque d'Alba, a estas horas estaria tudo

⁴² O pico achado anteriormente por Eugénio Jalhay na estação de La Guardia, é o referido em missiva anterior (ver documento 2.4.4), tendo sido classificado de asturiense por H. Obermaier. A publicação mencionada sobre o Asturiense de La Guardia veio a lume na Revista Brotéria, em 1928 (Jalhay, 1928). O pico pertencente a Joaquim Fontes, foi o que ele recolheu na estação asturiense de La Franca. Ver Nota 40.

por terra. O meu amigo conhece como o tecto da gruta, principalmente na sala de entrada, está formado por camadas de calcário. Pois bem: uma dessas camadas com talvez mais de 1 m de espessura estava já em perigo iminente de cair, arrastando muito provavelmente consigo toda a parte superior. O Obermaier desconfiou da coisa, pois a tal camada apresentava já uma curva que metia respeito... Mandou vir engenheiros e arquitectos; e foram estes que deram o alarme. Afirmaram que podia ser questão de dias e mesmo horas. Fechou-se a gruta aos visitantes e começaram logo os primeiros trabalhos. Levantaram colunas para sustentar o tecto e cimentaram toda a superfície que cobre a gruta afim de impedir a humidade e a infiltração das chuvas. O Obermaier escreveu-me de lá consternadíssimo já depois da minha saída. O caso não era para menos!

As escavações foram no jazigo da sala de entrada (à esquerda de quem entra). Foi até uma das tais camadas do tecto, destruída há séculos, que deixou intacto êsse foyer. O magdalenense estava òptimamente representado em todos os seus principais períodos. O solutrense, magnífico! O que mais me chamou a atenção foram as pontas de loureiro feitas de quartzite duríssima com a mesma perfeição com que faziam as de sílex. A fauna foi a conhecida: cervus, bos priscus, equus, capra... e em abundância a patella e a littorina. Não encontramos rena. Foram para mim uns 15 dias deliciosos. Passava as noites em Comillas, e às 8 da manhã lá estava já na gruta, à espera do Obermaier que subia de Puente San Miguel pouco mais ou menos a essa hora (ficou êste ano hospedado em casa da neta de Sautuola)⁴³. O Conde veio nos últimos dias e levantou a sua tenda mesmo ao pé da gruta e quis ter a amabilidade de nos oferecer / ^{sempre} de jantar a todos, lá em cima, cozinhado pelo óptimo velho que nunca o deixa nestas excursões. Para o ano espero

⁴³ Marquês Marcelino Sanz de Sautuola, cuja filha, em visita à gruta de Altamira, feita na companhia do Pai, descobriu acidentalmente as célebres pinturas rupestres, publicadas pelo Marquês em 1880, ante o cepticismo generalizado, que só viria a esmorecer depois de identificadas em França ocorrências comparáveis, já nos primórdios do século XX.

percorrer as Astúrias com êle, pois êste ano o tempo não me chegou nem sequer para ir a La Franca que não estava longe.

Mostrei-lhe o pico de La Guardia e concordou em absoluto com o Obermaier de que era asturiense típico⁴⁴. E quer saber o meu amigo o desaguizado que me sucedeu depois? Escrevi de lá ao Fontela, de Orense, dando-lhe a notícia de que havia mais êste período a registar na prehistória de Galiza (êste Fontela é o tal dos adjectivos...). O homenzinho calou-se muito calado e um mês depois escreve-me que já tinha pronto para a imprensa um trabalho seu sôbre o asturiense de Santa Tecla, isto é, sôbre um que êle chamava pico encontrado há 3 anos (!) lá em cima e guardado até hoje no museu Pro Monte. Isto só na Galiza!

Respondi-lhe que estimaria muito ver o seu trabalho e felicitava-o pela descoberta (!): mas sempre lhe fui dizendo que estranhava muito que o Obermaier não desse por tal pico no museu, quando lá foi depois de encontrado no monte. Não me tornou a escrever, e agora estou à espera do Boletim para ver que asturiense é que ele nos apresenta.

O Obermaier riu-se quando lhe contei o caso em carta enviada já daqui, conforme êle me respondeu. Mas disse-me que o culpado tinha sido eu em manifestar a gente dêste estôfo os meus achados. E é verdade. E a propósito: sabe o meu amigo que êles ainda não podem ver com bons olhos o seu excelente trabalho sôbre Camposancos? Isto de vir aqui um estrangeiro e mais a mais português, e descobrir o que êles nunca viram nem chegariam nunca a ver, foi para êles um choque eléctrico que ainda dura hoje!⁴⁵. Por isso o Casto Sampedro, de Pontevedra, já andou a dar voltas para impedir as minhas explorações,

⁴⁴ Ver Nota 42. Esta classificação faria estender a distribuição geográfica das indústrias asturienses até, pelo menos, à foz do rio Minho.

⁴⁵ Recorde-se que Joaquim Fontes tinha publicado em 1925 a estação de Camposancos, que considerou a "primeira estação paleolítica que se conhece na Galiza", afirmação que, naturalmente, desencadeou polémica, mormente entre os investigadores que de há muito desenvolviam estudos no litoral da província. Ver, a este respeito, as Notas 8, 19, 23, 28 e 35.

mandando-me avisos indirectos de que talvez poderia ter algum desgosto se mandasse pedras para Portugal etc. Já antes dêle houve outro, também de Pontevedra, que me mandou pedir descaradamente fotografias das gravuras de Oya! Como vê, cá e lá más fadas há. Em tôda a parte as mesmas criancices ⁴⁶.

O Obermaier prometeu-me vir aqui para o ano, ou ao menos, antes do Congresso de Madrid.

E as conferências de V. Ex.^a nesta última cidade? Sempre determinou vir cá honrar-nos a nós e a Portugal?

O Colégio tem agora 250 alunos: é um enxamear de rapazes por todos os cantos. Eu além do trabalho de redacção da Brotéria, tenho a achegazinha de 8 aulas por semana. Agora vou ver se trabalho alguma coisa em prehistória, e já não é sem tempo.

Os P.^s. Luisier e Tavares recomendam-se muito.

De V. Ex.^a

Amigo muito grato e dedicado

Eugénio Jalhay
(assinatura legível)

⁴⁶ Ver, a este respeito, o Documento 2.4.3.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, F. de (1973) – Prof. Joaquim Fontes. *II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1972). Lisboa. Actas. 1, p. 19-24.
- BREUIL, H. (1917) – La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près de Arronches (Portalegre). *Terra Portuguesa*. Lisboa. 13-14, p. 17-26.
- BREUIL, H. (1933a) – Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique. I – Au Nord du Tage. Lagny-sur-Marne: Imprimerie de Lagny.
- BREUIL, H. (1933b) – Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique. II – Bassin du Guadiana. Lagny-sur-Marne: Imprimerie de Lagny.
- CABRÉ, J. (1916) – *Arte rupestre gallega y portugués (Eira dos Mouros e Cachão da Rapa)*. Lisboa: Livraria Ferin (Memórias da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, II).
- CARDOSO, J. L. (1999) – O Professor Mendes Corrêa e a arqueologia portuguesa. *Al-madan*. Almada. Série II, 8, p. 138-156.
- CARDOSO, J. L. (2004) – Correspondência anotada de David Lopes a José Leite de Vasconcelos. *Colectânea de estudos em Homenagem ao Académico de Mérito Professor Dr. José Pedro Machado no seu 90º Aniversário*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, p. 451-504.
- CARDOSO, J. L. & MELO, A. Ávila de (2001) – Correspondência anotada de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado: contribuição para a história da Arqueologia em Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 88, p. 309-346.
- CASTELO-BRANCO, A. de (1961) – O Professor Joaquim Moreira Fontes e os Serviços Geológicos de Portugal. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série VIII, 10, p. 177-182 (Em memória do Professor Doutor Joaquim Fontes).
- COELHO, J. (1924) – *Estudos Prê-históricos II. Policromia megalítica*. Viseu: Tipografia Popular.
- FONTES, J. (1915) – Sobre a tatuagem facial em ídolos pré-históricos e gentílicos. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*. Lisboa. 3 (2), p. 61-64.

- FONTES, J. (1925) – Estação paleolítica de Camposancos (Pontevedra-Espanha). *Brotéria*. Caminha. 1 (1), p. 7-16.
- FONTES, J. (1926) – Uma excursão arqueologica à Galiza. *Arqueologia e História*. Lisboa. 5, p. 25-60.
- FONTES, J. (1932) – Sobre algumas figuras rupestres do santuario pré-histórico do Gião. *Revista de Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 75-82.
- HERNÁNDEZ-PACHECO, E. (1959) – *Prehistoria del solar hispano. Orígenes del arte pictórico*. Madrid: Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales (Serie de Ciencias Naturales. Memorias, 20).
- JALHAY, E. (1926) – Los grabados rupestres del extremo sudoeste de Galicia. *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*. Orense. 7 (167), p. 373-385.
- JALHAY, E. (1928) – A estação asturiense de La Guardia. *Brotéria*. Caminha. 6 (2), p. 75-90.
- JALHAY, E. (1929) – Algunos ejemplares de arte rupestre en los alrededores de Oya (Pontevedra). *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*. Orense. 8 (184), p. 305-312.
- OLIVEIRA, E. Pires de (1993) – *Bibliografía arqueológica portuguesa (séc. XVI-1934)*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – Departamento de Arqueologia.
- PAÇO, A. do (1961) – Joaquim Fontes, arqueólogo. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série VIII, 10, p. 13-38 (Em memória do Professor Doutor Joaquim Fontes).
- VEGA DEL SELLA, conde de la (1923) – *El Asturiense nueva industria preneolítica*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales (Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, Memória 32).